

O Discurso Normalizador da Renovação Carismática referente à sexualidade de seus fiéis

The Normalizing Discourse of Charismatic Renewal of sexuality from the faithful

Frederico Alves MOTA*

Resumo: O estudo do corpo e das formas com as quais os indivíduos com ele se relacionam tem sido uma importante fonte de análise para historiadores, que pensam a sociedade a partir de suas permanências e rupturas. A sexualidade é uma das chaves que permitem adentrar este universo plural e ainda repleto de possíveis abordagens. O presente artigo tem por objetivo analisar as representações religiosas produzidas pela Renovação Carismática Católica no que se refere à sexualidade, mais especificamente acerca da homossexualidade.

Palavras-chave: Renovação Carismática – Homossexualidade – Representações.

Abstract: The study of the body and the ways to which individuals relate themselves has been an important source of analysis for historians who think of society from its endurance and ruptures. Sexuality is one of the keys that allows you to enter this plural universe and even full of possible approaches. This paper aims to analyze the religious representations produced by the Catholic Charismatic Renewal in relation to sexuality, more specifically about homosexuality.

Keywords: Charismatic Renewal – Homosexuality – Representations.

Introdução

Pensando o percurso das ciências humanas durante o século XX, é possível constatar mudanças de caráter bastante significativas. O debate em torno da ciência e da religião foi colocado em oposição e a religião perdeu o seu espaço enquanto paradigma norteador das práticas da sociedade, perdendo então o seu *status* de fonte da verdade.

Estas transformações se deram de forma gradual e desde o século XIX já era possível observarmos as mudanças que se concretizariam no século posterior. Neste contexto ao mesmo tempo em que os avanços técnicos científicos apontavam para uma decadência das tradições, as pesquisas demonstravam a importância para a sociedade da construção de estruturas organizacionais da mesma. O objeto das ciências humanas passa então a ser as linguagens sociais, as representações e os fatores que organizam a sociedade. Seu objetivo deixa de lado a tentativa de reconstruir a realidade passada e

* Mestrando em História Social - Programa de Pós Graduação em História da Unimontes - *Campus* Universitário “Professor Darcy Ribeiro”, Caixa Postal: 126, CEP: 39401-089, Montes Claros, MG - Brasil. Bolsista CAPES, sob orientação do Prof. Dr. Francino de Oliveira Silva.
E-mail: fred.historia@yahoo.com.br

passa a ocupar-se das regras de funcionamento da sociedade, e a religião passa então a ser analisada também dentro deste quadro teórico metodológico.

O que interessa para o pesquisador da religião não é a verdade proferida pelo discurso religioso, mas as relações que tal tipo de discurso tem sobre a sociedade a que ele se aplica. O objetivo daquele que estuda a religião é o de compreender as regras que o organizam, independente de quem o produz.

O fato de a sociedade não se compreender mais pelo viés religioso, tornou possível uma história religiosa, contudo, Dominique Julia nos aponta um problema no que se refere à compreensão daquilo que difere de nossas referências pessoais. Ele diz que: "Analisar os fenômenos religiosos (uma prática, uma ordem, uma espiritualidade) [...] não implica o sentido a dar à ideologia considerada" (JULIA, 1995, p.108). As opções pessoais do pesquisador não são a garantia da imparcialidade do trabalho. Deve-se sim, evitar as generalizações e os juízos de valor para garantir que hajam as mínimas distorções possíveis do objeto analisado. A interdisciplinaridade é um bom mecanismo de auxílio para este tipo de pesquisa. O historiador deve perceber os limites que devem ser respeitados por sua análise reconhecendo a importância da historiografia enquanto uma ferramenta que nos localiza teoricamente e estabelece os limites da abordagem delimitando ainda o que nos difere de outros tipos de abordagem. Partindo deste pressuposto é que nossa análise se pautou.

O Brasil tem passado por mudanças socioculturais que permitem o rompimento com uma estrutura religiosa tradicional, incentivando processos de desinstitucionalização. Tais processos são definidos por alguns autores como um "esvaziamento de instituições religiosas tradicionais mais formais, como a Igreja Católica e as Igrejas protestantes históricas, paralelo ao crescimento de formas menos convencionais de religião" (TEIXEIRA; MENEZES, 2006, p.08).

É importante pensarmos também que o fenômeno da pluralização religiosa não se dá apenas no âmbito externo. Dentro da própria instituição católica é possível identificarmos práticas distintas. Se pensarmos, por exemplo, o catolicismo dito popular com suas festas, devoções e milagres e pensarmos o movimento da Teologia da Libertação, com um discurso em prol de uma sociedade politizada e de estímulo a uma religiosidade que busca aplicar o evangelho como instrumento de luta social, teremos dois grupos distintos e que são ainda distintos de um terceiro, que é a Renovação Carismática, que está mais próxima das práticas pentecostais¹. É importante considerarmos a pentecostalização de setores da Igreja Católica como uma tentativa de barrar a evasão de seus fiéis para outros grupos religiosos.

A partir do pontificado de Paulo VI, vimos por parte da Igreja Católica uma proposta de experiência da fé que valoriza a prática dos sacramentos, em conjunto com uma busca por uma vida mais santa. Sendo assim, em suas origens a Renovação Carismática traz uma valorização das tradições em oposição à opção preferencial pelos pobres que defendia como bandeira o emprego do evangelho para a melhoria das condições sociais dos mais carentes. A partir do pontificado de João Paulo II crescem as restrições às orientações de uma Igreja envolvida em questões políticas e temos agora uma orientação que privilegia movimentos como a Renovação Carismática.

No Brasil, o movimento Carismático surge apenas três anos após sua fundação. Originou-se na cidade de Campinas, no estado de São Paulo trazida dos Estados Unidos pelo Padre jesuíta norte americano Harold Joseph Rahm. Teve sua primeira experiência implantada a partir dos Cursos de Treinamento de Lideranças Carismáticas que, como já diz o nome, visava treinar lideranças que conhecessem a doutrina da igreja e, inserir as comunidades no seu dia a dia. Seu foco principal era a juventude, promovendo uma fusão entre as experiências da Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Operária Católica (JOC) e das Filhas de Maria.

Segundo Igor Marlon Sales, responsável por um estudo acerca da formação da Renovação Carismática Católica a partir da Diocese de Barretos, os Cursilhos de Cristandade, originários da Espanha em meados de 1949, foram outra influência na formação de lideranças carismáticas no Brasil.

O jesuíta norte americano Padre Eduardo Dougherty contribuiu para o desenvolvimento da Renovação no Brasil, através de reuniões conhecidas como Experiências do Espírito Santo, que contavam ainda com a participação de membros tanto dos Cursilhos quanto do Treinamento para Líderes Carismáticos. No território nacional destacamos a participação de membros do clero nacional como o Padre Jonas Abib, constituindo assim, as bases da Renovação Carismática Católica Brasileira.

No princípio, a difusão da mensagem carismática acontecia através de convites informais feitos pelos próprios frequentadores dos grupos de oração. Por meio destes convites os grupos de oração se multiplicam e até a década de 1980 este será o principal meio de difusão do movimento pelo país. Entretanto, em fins da década de 1980 as estratégias de disseminação da mensagem carismática passaram a contar com o apoio dos meios de comunicação, com a criação de editoras e a aquisição de canais de televisão como a TV século XXI e a Rede Canção Nova.

No final da década de 1980 e no princípio da década de 1990 a Renovação Carismática, que já estava se expandindo em nosso cenário religioso desde a década de

1960, passa por uma espécie de processo de modernização. Segundo o Padre Marlson Assis de Araújo, a Igreja Católica saiu atrasada na luta por espaço nos meios de comunicação social. A primeira emissora de televisão carismática foi fundada pelo Padre Jonas Abib em Cachoeira Paulista em dezembro de 1989. Aproximadamente dez anos depois foi fundado o segundo canal de televisão carismático, a TV Século XXI, pelo Padre Eduardo Dougherty na cidade de Valinhos em São Paulo. Graças ao aprimoramento dos meios de comunicação, a mensagem católica carismática tem atingido as regiões mais inóspitas do Brasil, permitindo, portanto, que a religião continue sendo um elemento bastante presente na vida de muitas pessoas, em especial no cenário urbano, contrariando a previsão dos mais radicais.²

A Homossexualidade na História do Brasil

O uso dos novos recursos tecnológicos para evangelização poderia ser percebido como um elemento de caráter inovador deste seguimento da Igreja Católica, entretanto percebemos que no que diz respeito à teologia católica, o movimento carismático não traz nada de novo. Pelo contrário, é perceptível em muitas de suas posturas um endurecimento dos dogmas católicos, principalmente nas questões relacionadas à sexualidade.

Este artigo buscará contemplar a perspectiva da Renovação Carismática Católica no que se refere à homossexualidade e para tal selecionamos três obras de autores ligados à Comunidade Canção Nova. A obra *O meu lugar é o céu*, de autoria do Padre José Augusto, a obra *Jovem! O caminho se faz caminhando*, de autoria de uma das principais lideranças jovens do movimento, conhecido como “Dunga,” e a obra *Jovem, levanta – te!*, de autoria do assim chamado pelos carismáticos de professor Felipe Aquino.

Para compreendermos de forma consistente determinadas concepções religiosas o recurso à história se faz extremamente necessária, pois estabelecer meras relações empobrece a análise além de incorrer no excesso de simplificações. Para este artigo fizemos a opção por uma análise histórico crítica, na qual as práticas discursivas foram entendidas como passíveis de produzir sentido e representações sobre os sujeitos. É preciso considerar que os discursos proferidos são direcionados a um público específico, localizado espacial e geograficamente em uma época, e em um contexto específico. Por isso considerar a história é de vital importância.

No decorrer da história, o tema da sexualidade tem sido abordado sob vários olhares distintos. Muitas destas análises foram carregadas de um ranço que tendia sempre a colocar a prática de uma sexualidade fora dos padrões da heterossexualidade, como um comportamento desviante e passível de algum tipo de medida corretiva. A abordagem histórica apoiada na psicologia social levantou a possibilidade de analisar os comportamentos sociais e suas relações visando compreender melhor a relação entre pensamento e comunicação. Assim, as representações sociais estão presentes principalmente nos discursos e essa perspectiva tem ganhado cada vez mais espaço nas ciências humanas.

As representações, enquanto uma tradução mental de uma realidade exterior percebida que se liga ao processo de abstração, manifesta-se por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. Isso faz das representações uma espécie de mecanismo utilizado pelos indivíduos e pelos grupos como forma de dar sentido ao mundo que é o deles. Ao historiador cabe ter perspicácia ao analisar uma conjuntura, pois “as representações de uma sociedade e de uma época formam um sistema, ele próprio articulado com todos os outros, desde as classes sociais e a religião, até os modos de comunicação” (PLATAGEAN, 1978, p. 310). Entendemos que o papel do historiador deve ser o de ligar as pontas desta teia complexa que é construída através da relação, no caso específico deste trabalho, entre os grupos religiosos e a sociedade, para produzir um discurso normalizador acerca da sexualidade de seus fiéis.

Por muito tempo, os estudos acerca dos valores subjetivos que constroem uma sociedade foram relegados pela história, em parte, pelos avanços promovidos pela ciência e pela valorização do pensamento racional. A partir do desenvolvimento do pensamento cartesiano, há um rompimento “com tudo aquilo que representava opiniões, pré noções e formas de conhecimentos transmitidos pela tradição e pelos viesses ideológicos” (PESAVENTO, 1995, p. 11). Entretanto, o surgimento nos anos 80 da “Nova História Cultural” nos permite expandir as reflexões históricas a outros campos, incluindo áreas que trabalham com a subjetividade dos grupos e que, são capazes de nortear valores e crenças, promovendo padrões de conduta, inclusive sexual.

Para autores como Luiz Mott a postura de rejeição a determinadas práticas, como a homossexualidade sempre foi estimulada pela sociedade brasileira, em especial devido à conjuntura pautada pelas relações escravistas, mas também devido às orientações dadas pela Igreja Católica no sentido de evitar qualquer relação que envolvesse atos homossexuais. No campo da pesquisa em história social, e também em outras áreas do conhecimento, a sexualidade passou a ser uma maneira de compreender

as relações sociais. O sexo que, segundo Magali Engel, por muito tempo foi entendido apenas a partir da relação sexo/procriação, agora se torna uma ferramenta para melhor compreender conceitos e preconceitos que norteiam as práticas sociais em uma determinada situação.

Desde o período colonial as práticas homossexuais foram consideradas uma forma de perturbação da estabilidade da sociedade patriarcal e, não raramente eram vistas como algo que deveria ser afastado das “pessoas normais”. Assim, “o sexo na tradição judaico cristã, sempre foi alvo de uma série de tabus e cuidados. O ideal de perfeição para os cristãos devia ser o celibato” (MOTT, 1998, p. 121).

Analisando a moral sexual ainda no Brasil Colonial, Ronaldo Vainfas também nos aponta para uma postura radicalmente homofóbica ao afirmar que o “crime mais denunciado na visita do século XVI, a sodomia praticada entre homens era o único desvio moral que podia levar os culpados à morte na fogueira” (VAINFAS, 1997, p. 261). Durante todo o período colonial, este foi o tratamento delegado aos grupos apontados como desviantes da fé católica.

Com o fim do período colonial e o início do período imperial, pouca coisa mudou nas relações entre Estado e Igreja, pois o Padroado garantia que as relações do Estado para com a Igreja fossem de mutualismo. Portanto, a homossexualidade permaneceu sendo considerada como uma heresia e uma prática profana. O fim do século XIX e o início do século XX demonstrarão que o imaginário depreciativo acerca destas minorias ainda prevalecerá.

Com o advento do discurso higienista e as teorias raciais influenciadas pelo pensamento Darwinista, nota-se uma nova estratégia no combate àqueles setores caracterizados pelos grupos dominantes como moralmente desviados. Nesse sentido, buscou-se adotar um posicionamento que tinha como meta “normatizar as condutas sexuais e afetivas do conjunto da população” (ENGEL, 1997, p. 310).

Na obra *Vigiar e Punir*, Michel Foucault destina um capítulo à discussão acerca da aplicação da disciplina em meados do século XVIII como estratégia para a fabricação de indivíduos, ou seja, “uma técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 1987, p. 143). A função da disciplina é então adestrar ainda mais os indivíduos, com o intuito de dominar de forma ainda mais intensa e eficaz.

A disciplina torna-se uma forma de aplicação do poder promovendo uma interiorização da norma e das técnicas que são aplicadas na gestão das populações. A vigilância visa submeter os indivíduos e seu funcionamento, produz uma rede de

relações na qual uns se apoiam sobre os outros e os próprios fiscais são constantemente fiscalizados. A vigilância hierárquica funciona como uma espécie de máquina que produz poder e distribui os indivíduos de forma contínua. Para Foucault, este mecanismo:

[...] permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta e [...] controla continuamente os mesmos que são encarregados de controlar; e absolutamente discreto, pois não funciona permanentemente e em grande parte em silêncio (FOUCAULT, 1987, p. 148).

Outra maneira pela qual o poder da disciplina é implantado de forma eficiente diz respeito ao instrumento definido por Foucault como a sanção normalizadora. Este instrumento permite aplicar à sociedade toda uma distinção permanente entre o normal e o patológico e impor um sistema de normalização dos comportamentos e das existências dos trabalhos e dos afetos. A ideia de norma está intimamente ligada à noção de disciplina. A norma representa um poder sobre a vida e das formas de administrar a vida. A norma está submetida a um saber clínico e não ao discurso jurídico da lei, pois enquanto a norma ocupa-se da separação entre o normal e o anormal, o discurso jurídico ocupa-se daquilo que é lícito ou ilícito. A normalização busca promover uma transformação do indivíduo, ou seja, sua correção e que não necessariamente está associado à punição.

A partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, vimos ascender por parte da medicina, um discurso que nas entrelinhas deixa a entender que “só restringindo a sexualidade do homem à heterossexualidade no casamento é que se pode evitar a decadência e a doença” (FRY, 1982, p. 96). Com isso, apesar do fim do Padroado, o discurso que por muito tempo foi produzido pela Igreja agora tem um novo representante: a medicina. Esta vem legitimar e associar a homossexualidade a uma questão patológica, ou como afirma Peter Fry: “de fato ela apenas desloca a homossexualidade do campo do pecado para o controle muito mais totalizante da medicina” (FRY, 1982, p. 100).

Luiz Mott reforça o argumento de Fry ao comentar a necessidade de se proteger os valores morais tradicionais. Afirma o autor que “à policia competia zelar pela moral e bons costumes, coibindo os abusos e atentados ao pudor. A cruz e a espada sempre estiveram juntas na repressão aos homossexuais e travestis – ontem e hoje” (MOTT, 1988, p. 90).

Já na década de 30 do século XX, a polícia juntamente com médicos eram encarregados de “apreender” homossexuais e enviá-los a centros especializados em detectar as causas biológicas e sociais do comportamento desviante destes indivíduos, cabendo ao médico sugerir o que Peter Fry chama de “ação médico correcional” (FRY, 1982, p. 102).

Para concluirmos este breve retrospecto referente ao discurso produzido no decorrer da história acerca das práticas homossexuais, entendemos que o final do século XIX e início do século XX é o período em que a ciência sob a inspiração da razão, torna-se a via de acesso da humanidade ao progresso. A mesma passou a ser vista por seus defensores como a única via capaz de garantir a construção de uma sociedade mais desenvolvida e equilibrada. Acreditava-se que graças ao seu constante aperfeiçoamento e desenvolvimento, a ciência estaria se aproximando com passos largos da verdade e do conhecimento total do mundo. Portanto, seu aval passou a ser fundamental para o enraizamento de certos tipos de ideias que perduraram por muito tempo no imaginário popular. Contudo, seria ingênuo supor que tais ideias não deixaram resquícios neste imaginário. Percebemos que ainda persistem desdobramentos destas ideias influenciando comportamentos no mundo atual e, contribuindo para que alguns preconceitos venham se manifestar ainda no século XXI.

Por uma Sexualidade sadia

Ao analisarmos obras produzidas por alguns autores carismáticos percebemos semelhanças com os discursos de combate aos comportamentos desviantes. A citação abaixo foi retirada da obra *Jovem, Levanta te!* de autoria do assim conhecido Professor Felipe Aquino, que faz a seguinte colocação:

A prática do homossexualismo quanto do lesbianismo são desordens no plano de Deus [...] A experiência tem mostrado que muitos jovens tornam-se homossexuais por alimentarem a mente com pornografia homossexual, ou por terem experimentado uma só vez para ver como é. Alguns homossexuais chegaram a confessar que começaram por curiosidade e depois não puderam mais parar [...] muitos jovens que na infância passaram por uma experiência assim puderam se tornar pessoas heterossexuais, *casados e levando uma vida normal* (AQUINO, 2004, p. 78. Grifo nosso).

Se voltarmos às palavras de Peter Fry e compararmos à passagem acima, em especial o fragmento que foi grifado, observa-se uma semelhança entre os discursos

proferidos durante o século XIX no que se refere a uma sexualidade normal restrita a heterossexualidade e pautada pelo matrimônio. A atitude conservadora que atualmente presenciemos por parte da RCC tem nas questões morais uma das suas principais bandeiras. A reafirmação de valores que pregam a abstinência sexual e a exaltação da heterossexualidade, parece-nos uma das formas de manter o controle sobre o cotidiano de seus fiéis, inclusive nas questões mais íntimas e particulares. Um dos alvos desta ofensiva é a juventude que tem uma participação efetiva junto ao movimento, pois estes são “uma prioridade em todas as atividades programadas, sejam rebanhões, retiros, barzinhos de Jesus, encontra-se a mesma preocupação de moralização da juventude nos moldes éticos propostos pela RCC” (CARRANZA, 2000, p. 56).

Através da disciplina, o poder da norma estabelece padrões gerais de comportamento, na educação, na saúde, na sexualidade tornando-se um grande instrumento de poder, pois passa a classificar a sociedade a partir de graus de normalidade que servem como mecanismo de hierarquização, tornando úteis as diferenças, pois, em um sistema homogêneo, permite destacar as diferenças vistas como desvios a serem amenizados.

Ao tratar as práticas homossexuais considerando-as inadequadas, os carismáticos de forma indireta se colocam do lado oposto ao que é difundido por grande parte da sociedade que tem lutado por um maior respeito pela diversidade. Segundo o Conselho Federal de Psicologia em Resolução no ano de 1999, ficou definido que a homossexualidade não pode ser considerada uma doença, sendo assim, não está passível de uma “cura” como foi afirmado nas citações anteriores. Portanto:

[...] a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade. Considerando que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio nem perversão [...] Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.³

As publicações destes autores reforçam a ideia de que uma das bases do movimento carismático é propor uma espécie de homogeneização dos comportamentos de seus adeptos. Observemos as palavras de um os principais líderes jovens do movimento carismático brasileiro ao dizer que: “Deus não fez o homossexual, nem a lésbica. Ele fez o homem e a mulher. Deixe-o devolver a você sua identidade, sua

verdade, o amor que procura não precisa ser mendigado, ele é gratuito e genuinamente bom” (DUNGA, 2005, p. 25).

Em outra publicação de autoria do Pe. José Augusto, a homossexualidade é vista como um traço da personalidade que deve ser eliminado a todo custo. É interessante observarmos como o autor sempre associa a opção pela homossexualidade como se esta conduzisse ao caminho do mal, do erro, e daquilo que deve ser evitado. Para tanto, a única forma de regeneração seria a adoção da heterossexualidade e do exercício da sexualidade apenas após o matrimônio. Na fala do autor, fica implícito que a decisão tomada pelo indivíduo a quem ele se refere o levou a um caminho de redenção:

Um rapaz me contou que havia largado o homossexualismo, os rapazes com quem ele se envolveu não acreditavam na sua mudança de vida tentando induzi-lo ao erro novamente, porém ele foi firme na sua decisão e na entrega a Deus. Hoje ele está noivo e ansioso aguarda o casamento. Não esperou ficar velho para ser do senhor. Todo tempo é hora de recomeçar a vida com Jesus (AUGUSTO, 2003, p. 78).

A postura carismática diante daqueles que são adeptos de opções de vida fora dos parâmetros definidos pelo cristianismo, e conseqüentemente pelo movimento como a fonte única de salvação é de que é necessário curar esta pessoa que se encontra em estado de enfermidade espiritual. Se considerarmos que o Brasil é um dos países do mundo onde os crimes contra homossexuais têm aumentado de forma significativa, tornar-se relevante refletirmos acerca das palavras de líderes religiosos que tendem a construir uma imagem deturpada e carregada de estigmatizações acerca do assunto “homossexualidade”. Não estamos dizendo que o movimento carismático estimula algum tipo de violência física contra os homossexuais, no entanto, por mais que os mesmos não proibam os homossexuais de circularem em seus meios, as suas práticas são condenadas de forma veemente. Além desse fato, ao tratar homossexuais como indivíduos doentes e merecedores de cura, muitas pessoas são induzidas a pensar que “tal visão, supõe que existiria um modelo subjacente universal e intemporal [...] composto de referências idênticas e independentes das épocas, regiões e sociedades” (GRUZINSKI, 2001, p. 54).

A nosso ver esta postura acaba contribuindo para a manutenção da homossexualidade como uma opção de vida marginalizada, pois sempre que uma liderança carismática levanta questões como: “Renuncie diante de Jesus, sempre que puder na Eucaristia e diante do Sacrário ao pecado do homossexualismo, e peça sem cessar e sem desanimar a sua cura” (AQUINO, 2004, p. 78), estas são formas claras de

dizer que é inaceitável para um cristão manter-se praticante da homossexualidade. A sugestão dada pelo movimento carismático é que a homossexualidade seja reprimida.

Ao analisarmos o argumento do movimento que trata tal prática como pecaminosa e passível de uma cura, surge uma pergunta: na perspectiva dos carismáticos, o que causa então as enfermidades do espírito? Para os carismáticos o mundo é palco de uma tensão entre Deus e o Diabo, sendo que este seria o responsável por produzir as mais terríveis mazelas junto à humanidade. Ao resgatar a imagem do demônio, alegando que esta entidade exerce poder sobre as pessoas sendo capaz de determinar comportamentos, influenciando inclusive a sexualidade dos indivíduos.

Percebe-se também o resgate de uma entidade bastante utilizada em toda a história do cristianismo, abominável, mas capaz de determinar os rumos da existência daqueles que estão distantes da mensagem cristã.

Conclusão

Para que um discurso adquira um estatuto de verdade é necessário que ele parta de alguém, ou de algum grupo autorizado pela comunidade na qual se insere. As representações produzidas por um discurso produzem ações e estabelecem uma realidade objetiva que, ao ser desrespeitada, adquire um estatuto de transgressão aos limites impostos por esta realidade.

É indiscutível a semelhança do atual discurso da Renovação Carismática Católica no que se refere à sexualidade com o discurso higienista promovido durante o século XIX. O mesmo buscou enfatizar principalmente os desvios sexuais, ao mesmo tempo em que estabelecia um padrão de normalidade que excluía para o campo da psiquiatria os desvios de comportamento que passaram a ser caracterizados como patologias passíveis de cura. As representações não são estáticas, fixas, elas são móveis.

O ato de instituição de um sujeito atribuindo a ele uma categoria de gênero masculino ou feminino estabelece um processo de naturalização de algo que é ao contrário, social. Ao produzir um discurso sobre a sexualidade, a Renovação Carismática Católica, busca explicar um fato, no caso deste trabalho, a homossexualidade, desconstruindo uma realidade, que é a orientação sexual dos indivíduos que extrapola as categorias de masculino e feminino.

Em uma sociedade dividida em classes sociais, a religião e seu sistema de práticas contribuem para a perpetuação de uma determinada ordem social. Quando a mesma se apresenta desta forma unificada percebemos tentativas de estabelecimento de

um sistema de práticas e representações que justificam o domínio de alguns grupos sobre outros. Por outro lado, estes mesmos sistemas de práticas e representações impõem a legitimidade da dominação aos dominados, reforçando as condições de existência pautadas nessa relação de dominação promovendo o que Pierre Bourdieu classificou como um deslocamento das aspirações que são agora compensadas por um suposto bem maior: a salvação da alma.

A Renovação Carismática Católica por ser parte de uma instituição tradicional e socialmente legitimada, que é a Igreja Católica, busca naturalizar um discurso de que somos apenas homens e mulheres negando as demais categorias de gênero. O lugar ocupado pela religião Católica na nossa sociedade ainda possui certo respaldo, contudo o cenário religioso brasileiro tem se transformado desde meados do século XX. A Igreja Católica que desde o período colonial era hegemônica passa agora a sofrer a concorrência de outras denominações cristãs e também de grupos variados. Os indivíduos passam a ter uma possibilidade maior de escolha, inclusive para optar em não pertencer a uma religião. Além destas opções o trânsito religioso tornou-se muito mais comum e aceitável, permitindo ao indivíduo uma mudança de religião, em alguns casos, mais de uma vez na vida. Partindo desta perspectiva, cabe às religiões passarem por processos de adaptação que implicam na adoção de certas concessões para garantir que não haja a evasão de fiéis. Entendemos o advento e expansão da Renovação Carismática Católica, como parte deste processo.

Uma prática só é capaz de mobilizar se os interesses nela envolvidos, ou seja, de quem produz e de quem faz uso, creem na eficiência simbólica de tais representações religiosas. Assim, ao estabelecer normas de como o sujeito deve fazer uso de seu próprio corpo, associando o seu prazer ao pecado, o discurso da RCC retira do mesmo os direitos sobre si delegando-o a outrem. A crença na eficácia simbólica de certa ideologia implica ocultar interesses que são mundanos. A religião cumpre uma função social, visto que fornece aos indivíduos justificativas metafísicas para a sua existência e, ao mesmo tempo, estabelece sanções e limites capazes de promover um ajustamento da vida pautando as ações dos indivíduos em um sistema de verdades inquestionáveis. É neste momento que os carismáticos mostram a sua força, através de suas pregações e reuniões de cura e libertação, delegando para si o papel de condutores de um rebanho cercado pelas artimanhas do inimigo.

Referências Bibliográficas

Fontes

- AQUINO, Felipe. *Jovem, Levanta-te!* São Paulo: Cleófas, 2004.
AUGUSTO, José. *O Meu Lugar é o Céu*. São Paulo: Canção Nova, 2003.
DUNGA. *Jovem, o caminho se faz caminhando*. São Paulo: Canção Nova, 2005.

Referências

- ARAÚJO, Marlson Assim de. Os Ambientes Midiáticos do Catolicismo Plural e Fragmentado nas Televisões Católicas. *Vida Pastoral*, São Paulo, ano 52, n. 279, jul.-ago. 2011.
- BOURDIE, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências*. 2ed. Aparecida: Santuário, 2000.
- CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 05, p. 173-191, 1991.
- ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 297-312.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRY, Peter. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. In: _____. *Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 54-86.
- _____. Da Hierarquia à Igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. *Para Inglês Ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-113.
- GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. Trd. Rosa Freyre D'aguilar. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- JODELET, Denise (Org.) *Representações Sociais: Um domínio em expansão*. Tradução, Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.
- JULIA, Dominique. A religião: História religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.) *História: Novas abordagens*. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 106-131.
- MOSCOVIC, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história In: JODELET, Denise. *Representações Sociais: Um domínio em expansão*. Tradução, Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.
- MOTT, Luis. *Escravidão Homossexualidade e Demonologia*. São Paulo: Ícone, 1998.
- _____. *O sexo proibido: Virgens, Gays e Escravos nas Garras da Inquisição*. Campinas: Papirus, 1988.
- PATLAGEAN, Evelyne. A História do Imaginário. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL. *A nova história: Dicionário*. Coimbra: Almedina, 1978.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, p 9-27, 1995.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.) *As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- VAINFAS, Ronaldo. *Tópico dos Pecados: Moral Sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Notas

¹ O termo pentecostes representa uma festa católica celebrada 50 dias depois da Páscoa em comemoração a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Contudo, no século XX, o termo pentecostalização passou a ser utilizado para denominar as revelações realizadas através da ação do Espírito Santo junto aos fiéis. Esse movimento inicialmente desenvolveu-se nos Estados Unidos entre as igrejas históricas, como a Igreja Batista, e espalhou-se com muita rapidez entre várias igrejas cristãs. Estes renascidos traziam como experiência comum, um segundo batismo no Espírito Santo. Este segundo batismo seria identificado por produzir uma imensa emoção acompanhada de uma sensação de paz e felicidade. Este êxtase é compreendido como um contato direto com a divindade que proporciona curas e milagres.

² No decorrer da história identificamos em vários momentos discursos que alegam que no futuro da humanidade não haveria espaço para a religião e que a razão ocuparia cada vez mais os espaços deixados pela mesma. Estamos em pleno século XXI e tais profecias parecem longe de serem confirmadas. Já nos meios acadêmicos a religião tem se tornado objeto de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento.

³ Resolução CEP N° 001/99 DE 22 DE Março de 1999 do Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: <<http://www.pol.org.br>>. Acesso em: 04 ago. 2006.

Artigo recebido em 01/11/2011. Aprovado em 20/12/2011.